

A TRADIÇÃO ORAL E SEUS LUGARES DE ENCONTROS, DE MEMÓRIAS E AFETIVIDADES

José Luiz da Silva Lima¹

Resumo: Neste texto, apresento aspectos socioculturais e psicoafetivos estabelecidos a partir de um recorte das minhas experiências institucional e profissional, ancoradas na Cultura Popular, em comunidades rurais da região sisaleira da Bahia, mais especificamente na cidade de Santa Luz a 258 km de Salvador. Descrevo um recorte de um conjunto historiográfico dessas experiências narrativas memorialistas, no sentido de ilustrar uma parte destes registros iconográficos e documental disponibilizados pela instituição a qual faço parte. Busco discutir aspectos contextuais contidos nas manifestações de tradição oral, e seus agenciamentos performáticos, para construção mnemônica individual e coletiva e fortalecimento das relações interpessoais. Em especial, também apresento um narrador que é reconhecido em sua comunidade como um fabuloso performer sugerindo um papel de facilitador na efetivação de um lugar comunitário acolhedor na mediação do exercício memorialista, de trocas psicoafetivas, de validação, de resistências e fortalecimento sociocultural.

Palavras-Chave: Oralidade. Narradores. Memórias. Afetividade.

THE ORAL TRADITION AND ITS PLACES OF ENCOUNTERS, MEMORIES AND AFFECTIVITIES

Abstract: In this text, I present sociocultural and psychoaffective aspects established from a clipping of my institutional and professional experiences, anchored in Popular Culture, in rural communities in the sisal region of Bahia,

¹ Mestrando em Crítica Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro fundador e Diretor do IMAQ – Instituto Maria Quitéria – Feira de Santana-BA. Endereço eletrônico: joseluizlima.imaq@gmail.com.

more specifically in the city of Santa Luz, 258 km from Salvador. I describe a section of a historiographic set of these memorialist narrative experiences, in order to illustrate a part of these iconographic and documentary records made available by the institution to which I belong. I seek to discuss contextual aspects contained in the manifestations of oral tradition, and their performance agencies, for individual and collective mnemonic construction and strengthening of interpersonal relationships. In particular, I also present a narrator, who shows himself to be a fabulous performer suggesting, to constitute himself as a mediator for the construction and realization of a welcoming community place for the memorialist exercise of psycho-affective exchanges, validation, resistance and socio-cultural strengthening.

Keywords: Orality. Storytellers. Memoirs. Affectiveness.

Narradores, Narrativas e suas Performances

Neste exato momento, há alguém em algum lugar do planeta contando um conto, uma história, uma lenda ou fazendo alguma narrativa de algo significativo para ela que, talvez, desperte o interesse de alguém em escutá-la. Neste sentido, apresento-lhes um ensaio textual em que busco narrar parte de uma experiência pessoal e profissional inserida no universo das narrativas de tradição oral.

Através das minhas incursões realizadas junto ao IMAQ – Instituto Maria Quitéria² em comunidades rurais da região sisaleira da Bahia, entre os anos de 2004 a 2019 aqui, especificamente, apresento-lhes e destaco a figura singular de José Dantas de Ataídes, mais conhecido como “Seu Zé de Souza”; um dos colonos fundadores do Assentamento e Comunidade do Rose³, zona rural de Santa

² O Instituto Maria Quitéria é uma entidade social do 3º Setor, fundada em junho de 1998, sediada na cidade de Feira de Santana-BA, que empreende projetos sociocomunitários nas áreas da cultura popular, esporte educacional e educação popular em contextos periféricos e rurais. site: www.imaq.org.br.

³ O nome povoado de Rose é uma homenagem a Roseli Celeste Nunes da Silva, líder camponesa que morreu num conflito de terra logo no início do Movimen-

Luz, município localizado a 258 quilômetros de Salvador. São descritivos abrigados no meio do sertão baiano que, agora, estão sendo revisitados e teorizados em meu projeto de pesquisa e dissertação em curso no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC *Campus II* – Alagoinhas-BA.

Grande performer e cronista do seu cotidiano rural, Seu Zé de Souza é um senhor de mais de 70 anos de idade, típico homem sertanejo, com pouca leitura formal, mãos calejadas e semblante marcado pelo sol escaldante da lida e lavra da terra árida. Aprendeu a contar causos, contos populares e histórias ainda era criança, ouvindo seus avós e pais que, respectivamente, estabeleceram um ciclo transmissivo intergeracional herdado dos seus antepassados e que, agora, tem em Seu Zé de Souza a continuidade deste saber e fazer narrativo ancestral.



Foto: " Seu Zé de Souza" — (IMAO, 2017)

Transportando-se para um lugar neste mundo de narrativas e narradores, imagine que você está em um salão comunitário, na Escola 10 de Julho da Comunidade do Rose, juntamente com mais de meia centena de crianças, jovens e adultos à espera da apresentação das performances e dramatização de Zé de Souza. Há um

to dos Sem Terra, nos anos 80, no Rio Grande do Sul – RS / Brasil. A comunidade foi fundada em 10.07.1988, quando da posse da terra e sua ocupação, e fica localizada a 7 km da sede do município de Santa Luz-BA.

clima de expectativa e suspense quando “o maior mentiroso da região”, como ele mesmo se autointitula, abre o sorriso tão peculiar e começa sua “contação de causos. Elegemos como narrativa eixo a fábula o “Casamento de Dona Barata” que, segundo ele, conta a história que:

Na serra do pintado, município de Valente-BA, está pra acontecer o maior casamento do ano. Na toca do urubu onde mora a noiva Barata e sua família, está acontecendo o maior preparativo de casamento do ano.

A noiva, muito feliz, já tinha convidado todos os bichos para seu casamento. Faltando um dia para casório, a Barata foi dar a última experimentada no seu lindo vestido que estava guardado em uma mala. Ao tocar na mala, uma voz estranha e assustadora abalou a serra:

— *Sou eu zúis meu nego,
sou eu zamaná,
sou eu tatá glóriá de marinzá,
sou eu tatá de gloriá de marinzá.*

A Barata tomou um susto, ela e sua família saíram da toca às pressas. A Barata saiu pela floresta chorando até encontrar o amigo Bode. Este vendo o desespero da Barata pergunta:

— *O que foi, amiga, o que está acontecendo com você?*

— *É, amigo Bode, como você está sabendo, o meu casamento é amanhã. E hoje fui experimentar o meu vestido e, ao tocar na mala, um bicho horroroso começou a cantar uma música estranha.*

O amigo Bode se ofereceu em ajudar a barata. Foi até o local onde estava a mala e, tão logo a viu, o tocou, o bicho novamente soltou sua voz estrondosa que quase o deixou:

— *Sou eu zúis meu nego,
sou eu zamaná,
sou eu tatá glóriá de marinzá,
sou eu tatá de gloriá de marinzá.*

O Bode saiu em disparada e, ao encontrar a Barata, informa ofegante:

— *Amiga, procure outro que possa lhe ajudar, pois eu não posso enfrentar aquele bicho ferroz! Só sua voz assusta qualquer um, imagine o seu tamanho.*

A Barata, tristonha, saiu chorando em busca de alguém para lhe socorrer. Ela chamou o boi, o cavalo, o burro, o jegue, o porco, o tatu, a cobra mais venenosa da região. Enfim, já tinha chamado todos os bichos que ela achava que poderia ajudá-la, contudo, todos fracassavam ao ouvir o canto tenebroso vindo da mala:

— *Sou eu zúis meu nego,
sou eu zamananá,
sou eu tatá gloriá de marinzá,
sou eu tatá de gloriá de marinzá.*

A Barata, dando o caso por encerrado, sentou-se debaixo do juazeiro em prantos, quando de repente chega uma pequena formiga, a menor de todas as espécies e pergunta:

— *Olá, amiga Barata! Posso ajudar? O que você tem que está tão triste?*

— *Não, amiga Formiga, você não pode me ajudar. Obrigado por querer me ajudar.*

Porém, a Formiga insiste em querer saber qual era o problema que estava afligindo a Barata, estando disposta em ajudar a resolver a questão, insiste:

— *Me conte amiga Barata, não vai lhe custar nada, deixe-me tentar.*

A Barata então falou o que estava acontecendo.

— *Olhe amiga, já chamei todos os animais fortes e grandes, mas nenhum deles pode solucionar o meu problema, como você poderia me ajudar sair dessa, logo você que é o menor do nosso reino?*

Com um ar atrevido a formiguinha retruca:

— *Olhe amiga Barata, sou pequena, não sou muito forte, mas tenho uma grande vontade de trabalhar e de colaborar, carrego peso além do meu, mas, por favor, deixe-me tentar ajudar.*

A Barata, percebendo que não iria ficar em paz, decidiu levar a Formiga até sua casa. Chegando ao quarto da Barata, a Formiga se aproximou da mala e disse:

— *Quem está aí?*

A voz misteriosa responde:

— *Sou eu, zúis meu nego,
sou eu zamananá,*

*sou eu tatá glóriá de marinzá,
sou eu tatá de gloriá de marinzá.*

A Formiga não se intimidou com aquela voz e entrou por um dos buracos da mala. Logo ouviu-se de fora um uma briga danada dentro da mala até que a Formiga saiu da mala e foi mostrar a Barata, o bicho assustador: um grilo cantante que ficou preso na mala e não conseguia sair! Todos os bichos ficaram assustados com a coragem da Formiga e ao mesmo tempo envergonhados em se tratar de um grilo que não oferecia perigo a nenhum deles. No dia seguinte, aconteceu o grande casamento da dona Barata, que fez uma festa de comes e bebes e reuniu toda bicharada para viver aquele momento maravilhoso. Imagine que até o grilo estava na festa...cantando que só ele!

*— Sou eu, zuís meu nego,
sou eu zamaná,
sou eu tatá glóriá de marinzá,
sou eu tatá de gloriá de marinzá.*

Alguns meses depois a Barata e o Baratão tiveram um monte de baratinhas e foram felizes para sempre (IMAQ, 2017).

A plateia presente é arrebatada por uma atmosfera de expectativa e mistério que são demonstrados nas expressões faciais e gestos de corpo que tomam uma dimensão de encantamento e fascínio coletivo. Esta fábula assim como várias outras narrativas, são advindas das rodas comunitárias de contação de causos, contos populares, lendas, histórias e mitos que foram coletados junto a Seu Zé de Souza e vários outros mestres e mestras de tradição oral, “verdadeiros arquivos vivos” dos registros orais locais.

Este conto específico ou caso como eles mesmos nomeiam essas formas de narrativas, apresenta uma produção de aspectos subjetivos que permitem uma relação entre o imagético e a vida real, pois o evento em que ilustra o dilema e o impasse de toda uma “comunidade dos bichos” aterrorizada com um “elemento” estranho e desconhecido que se apresenta enquanto uma ameaça a existência deles.

Supostamente, na comunidade dos bichos em questão, os que são reconhecidos como os mais fortes e destemidos, sucumbem a toda uma rede de informações e narrativas constituídas a partir de sugestões estereotípias e equivocadas daquilo que se apresentado como até então enigmático: “uma mala a qual parece abrigar um monstro que faz barulhos intimidadores”! Contudo, aquele que pode ser tido ou considerado como o “mais fraco”, revela e desmitifica o segredo que até então se apresenta como um mistério que põe em risco o estado de equilíbrio de bem-estar de todos. A “*formiguinha*”, apesar de ter uma autopercepção de ser fisicamente mais frágil, apresenta-se enquanto um indivíduo detentor de uma coragem que supera essa suposta carência e potência física.

Estas rodas comunitárias inspiraram e possibilitaram muitos desdobramentos interpretativos nos quais os ouvintes e partícipes são provocados para uma reflexão crítica dos meandros ocultos subjacentes nesta e em outras narrativas. São explorados vários conteúdos e currículos do arcabouço imaterial e da memória oral destas populações, que produziram novos contornos e formas de agenciamentos social, político, econômico e cultural; são um referencial muito importante para o Assentamento do Rose e comunidades próximas.

Estes desdobramentos em especial estão intrinsecamente ligados a identificação e tratamento destes arquivos de oralidade que permitiu a produção de um fato material autoral editados através de diversos livros de cordel e vários outros textos que foram transformados em livros de literatura infanto-juvenil com contos e histórias locais; radionovelas narradas por um grupo de crianças do Rose, além de livros de culinária alternativa, gravações de cantorias, roteirização e encenação de peças de teatro tendo, o “Casamento de Dona Barata” enquanto uma apresentação que atrai e diverte vários expectadores.

São formas de produção de conteúdos socioculturais que fazem parte do acervo bibliográfico e documental do IMAQ que, em boa parte, foram editorados e ganharam guarida e referencial em

espaços escolares e centros comunitários locais, servindo de modelo para formatação de projetos político-pedagógico de educação contextualizada e alfabetização.

As narrativas abrigam lendas e mitos que possuem elementos simbólicos imagéticos que intercomunicam fatores gregários existentes na memória coletiva e individual em diferentes lugares e em diferentes momentos, evocam a possibilidade real em estabelecer o desenvolvimento civilizatório humano através do tempo. Aqui temos parte de vivências reconhecidas em uma linha de espaço-tempo que foram exploradas nas incursões dos projetos socio-comunitários⁴ empreendidos pelo IMAQ junto a comunidades cam-pesinas da região sisaleira da Bahia.

São encontros coletivos que contém elementos memorialistas atemporais nos quais os ouvintes são conduzidos a um universo de encantamento e deslumbramento imagético com signos e significantes peculiares, pertinentes a cada contexto sociocultural, que estão abrigados no *inconsciente coletivo*⁵ de pessoas e lugares. Narrativas e narradores, brinquedos e brincantes, estão interagindo e sendo tematizados e encenados através de ações performáticas que estimulam a criação de imagens, individuais e coletivas, que produzirão cenas internas que serão reescritas de acordo com a idiosincrasia e percepção de mundo que cada um possui.

4 Projetos Expressões Sertanejas, Recriando e Criando Lendas e Mitos e Expressões Sertanejas e Griôs Sisaleiros que atenderam diretamente cerca de 3000 pessoas, entre 2004 a 2012, em 4 comunidades rurais dos municípios de Conceição do Coité, Santaluz e Queimadas, todos na região sisaleira da Bahia, identificando, inventariando, editorando e socializando acervos, currículos e conteúdos da cultura popular tradicional local.

5 Na teoria analítica de Jung, o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, ele é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. É um reservatório de imagens latentes, chamadas de arquétipos ou imagens primordiais, que cada pessoa herda de seus ancestrais. Encontra-se na camada mais profunda da consciência, abaixo do subconsciente e é evocado das experiências e aquisições socio-culturais das relações humanas coletivas- ancestralizadas (JUNG, 1991).

Dentro do campo performático, falando de Seu Zé de Souza, temos uma personagem que representa o típico contador de história o qual Magda Pucci (2002), descreve:

[...] o contador dramatiza a exposição, reproduzindo sons da natureza — o trovão, a chuva, o vento — e anima o diálogo dos bichos com voz peculiar, conferindo a cada evento ou personagem uma marca distintiva. Gestos, assovios, pausas ajudam a recriar uma atmosfera alegre ou amedrontadora, cômica ou triste, enfim a que mais convenha a cada passagem. É um teatro em que um só artista desempenha todos os papéis, além de cuidar dos efeitos especiais. (PUCCI, 2006 Appud. CARMEM JUNQUEIRA, 2002, p. 61)

É um intérprete que se reinventa a cada apresentação pública nas quais alinha elementos gestuais na voz que são transmutados continuamente a depender do tempo, do público, do espaço e da atmosfera integrativa que envolve estes elementos que dão contornos a sua apresentação performática deste mestre de tradição oral.

Para Paul Zumthor (2010) o mestre popular é um intérprete que, através de sua voz, seu gesto, sua performance, pelo ouvido e pela vista, transmite a tradição. Ele pode ser, ao mesmo tempo, um compositor ou um elemento que faz parte do texto que narra ou canta (ZUMTHOR, 2010).

Os contos e narrativas destes cronistas do cotidiano é ilustrativo de um passado-presente que tem uma voz poética em que as palavras estão dispersas no leito do tempo e que, nos encontros narrativos — de performances, produz memória coletiva advinda das interações de grupo e se faz fonte de saber para a memória individual, ganhando significado a partir do momento em que se conecta às suas percepções, sentimentos, emoções, lembranças e cognições.

Aspectos Básicos da Memória e Seus Agenciamentos Subjetivos

Todo esse conjunto narrativo ora exposto tem como um dos elementos vertebradores centrais a *Memória*. Talvez essa leitura possa estimular no leitor um alinhamento de percepções, sentimentos e cognições recorrendo à sua lembrança fatos que podem ser contextualizados neste aqui-agora, ou mesmo, a possibilidade de alinhar outros pensamentos totalmente difusos e adversos ao que se lê neste momento, ou seja: a pessoa pode estar lendo e com atenção no WhatsApp ou em outras formas de redes sociais!

Outro exemplo seria imaginar quantas vezes nos deparamos com pensamentos que nos remetem para um tempo passado pelo simples fato de ouvir uma música; sentir um cheiro; degustar uma comida; assistir a um filme antigo; reencontrar uma pessoa; arrumar o armário e dar de cara com um álbum com fotos que trazem imagens perdidas no tempo? Essa rememoração ativa áreas específicas do cérebro que trazem para consciência as lembranças que são o produto da memória que vamos descrever sucintamente sob 2 pontos de vista distintos e integrativos: a *memória individual* dentro de uma perspectiva neuropsicológica e a *memória coletiva* vista sob a visão antropológica de Maurice Halbwachs.

A Memória Individual, segundo Godoy (2010) consiste na capacidade de armazenar seletivamente informações que possam ser recuperadas e utilizadas no aqui-agora ou no futuro, de forma consciente ou não. Ela agrega um conjunto de habilidades que são mediadas por diferentes núcleos do sistema nervoso que garante o armazenamento de um grande número de informações (GODOY, 2010). Há duas formas que o cérebro armazena essas informações: a *memória de procedimento* e a *memória declarativa*.

A *memória de procedimento*, chamada também de memória implícita, guarda dados que são oriundos de atividades que tem uma forma repetitiva com o mesmo padrão requisição de habilidades (motoras, cognitivas, intelectuais, sensitivas etc.). Ela se processa de forma automática, independente da consciência, em que é

possível executar até muitas tarefas complexas tendo o pensamento voltado para algo completamente oposto.

Podemos pedalar uma bicicleta, dirigir um carro, dançar e várias outras ações tendo o pensamento dissociado destas atividades em si. Já a *memória declarativa*, ou explícita, caracteriza-se como a que traz para consciência registros de dados e informações retidos, através de processos internos do cérebro, associando esses elementos que são processados de forma dedutiva na criação de ideias. Essa memória abarca lembranças de fatos vivenciados, situações vividas, eventos, histórias ouvidas, cheiros, sons etc. reavivadas quando desejado.

Quanto ao tempo de armazenamento de informações, a memória também pode ser classificada enquanto *memória de curto prazo* (de trabalho) que retém dados por alguns segundos ou minutos e atua no memento que a informação está sendo adquirida (guardar um número de telefone, nome ou feições de uma pessoa que acabamos de conhecer, frase e etc.); a *memória de longo prazo* como o nome já diz retém de forma duradoura ou definitiva as informações e dados relevantes, guardando-os em centros cerebrais específicos que permitem sua recuperação quando preciso for e possui uma capacidade praticamente ilimitada, pois armazena conhecimento pessoal, lembranças significativas, dados autobiográficos etc.

Dentro de outra visão epistemológica, temos a *Memória Coletiva* que Maurice Halbwachs diz que é construída a partir de uma memória de grupo, formada no interior de uma coletividade, por suas experiências dispostas com as quais o sujeito partilha e experimenta vários sentimentos, reflexões, paixões, ideias, percepções das referências e lembranças próprias do grupo (HALBWACHS, 1990).

A memória individual é, na realidade, constituída de fatos e eventos construídos a partir da nossa interação e vivências com grupos sociais (outras pessoas) que possibilitam experiências difusas com as quais, no decorrer da nossa vida, evocamos de forma

explícita ou implícita. Assim sendo, são lembranças próprias do olhar de grupo. Para Halbwachs, é fundamental que este olhar esteja alinhado de acordo e levando-se em consideração o lugar ocupado pela pessoa dentro do seu grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 1990).

Segundo o autor, as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas a partir das nossas interações em grupo no qual “podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança é uma imagem engajada em outras imagens...” (HALBWACHS, 2004, p. 75-76).

As lembranças, por vezes, nos tomam de forma abrupta e vêm carregadas de emoções e sentimentos e daí podemos nos perguntar: “como pude me lembrar disso tudo que vivi com tanta riqueza de detalhes e, como elas me fazem sentir emoções tão diferentes de outrora?!”. Para Maurice Halbwach a lembrança reconstrói o passado com a colaboração ativa de dados que são recrutados no presente dado (registros de memória) que são reconstruções feitas em um tempo anterior onde as imagens de outrora manifestam-se já bem alterada (HALBWACHS, 1990).

Com o decorrer do tempo, as lembranças vão se transformando e incorporando formas e significados diferentes, sempre tendo no outro a legitimidade da formação da nossa memória já que, como anteriormente foi dito, ela é fruto da construção coletiva em que nossas percepções individuais (memórias) são criadas. Quando o grupo tenta reorganizar nossas lembranças, pode ocorrer que elas não sejam condizentes com as que o indivíduo tem. Ou talvez sejam ricas e de exatidão e detalhes que reorganizem as nossas.

A fábula⁶ “O Casamento de Dona Barata” é tomada aqui como um referencial de compartilhamento coletivo que ilustra esse

⁶ A Fábula é composição literária em que os personagens são animais que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes, etc. quase

sentimento e percepção de memória pessoal, individual, pois, quando a revejo aqui, relendo-a, relembro dos rituais que precederam as sessões de “contação de contos populares e causos” desta experiência vivida no coletivo com aquelas pessoas que estavam presentes na sessão comunitária na Escola 10 de Julho há mais de 10 anos passados.

Certamente, se for ouvi-la novamente em outra performance de seu Zé de Souza, eu e todos aqueles outros ouvintes teremos alterados nossos registros idiossincráticos, havendo a recomposição de imagens e significados que se juntarão aos registrados existentes na memória anterior e formarão novas conexões de armazenamento. Assim, as imagens, sensações e percepções de cheiros, temperatura, estado de humor que são recrutados de um passado para um “aqui-agora” terão um outro significado que sempre estará sujeito a recomposições, tendo em vista que a memória está sujeita a reconfigurações.

Segundo Reily (2014, p. 8) “a memória, então, é um espaço em que as esferas biológicas e socioculturais do ser humano se encontram. Elas podem estar assentadas nos indivíduos, mas elas adquirem significados quando são integradas à vida em sociedade”. Conceitualmente, a memória nos conduz a um universo das experiências humanas e das formas cotidianas de invocar o passado. (REILY, 2014 – Appud ASSMANN, 2006, p. 8-RICOEUR, 2000).

Já em Hampâté-Bá (1982) ao se referir à inferência da ideia a respeito da memória e a função das narrativas, assevera que:

É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte [...] Ele é a palavra que encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão

sempre terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo. A fábula é uma narrativa em prosa ou poema épico breve protagonizado por animais, plantas ou até objetos inanimados. Contém geralmente uma parte narrativa e uma breve conclusão moralizadora, onde os animais se tornam exemplos para o ser humano, sugerindo uma verdade ou reflexão de ordem moral.

da sociedade repousa no calor e no respeito pela palavra [...] (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 182).

Pude verificar que nas oitavas orais comunitárias realizadas em espaços de performances locais (escolas, associações, casas, igrejas), a narrativa, o uso da palavra falada, sugere um encontro de um ambiente propício para que os narradores de forma natural, talvez inconscientemente, utilizem-se da palavra e da voz com uma preocupação estética no intuito de levar o ouvinte a uma atmosfera de mistério e de expectativas pelo ainda “o não dito — o por dizer” e uma necessidade latente em o ser ouvido”. Percebe-se de forma subliminar todo um desejo oculto pelo prazer que o mistério da palavra abriga e evoca outras atitudes performáticas (dança, dramatização, música, releituras temáticas, produção artístico-cultural etc.) e que dão vida a lendas e mitos que servem de anteparo às agruras do cotidiano imposto pelas dificuldades enfrentadas por populações historicamente excluídas socialmente.

Reforçando e reavendo o papel da tradição para a memória, Paul Zumthor (1993) pontua que a tradição tem um papel importante no desempenho do jogo da memória, tendo em vista que é na tradição que a voz poética se eleva e se manifesta de forma mais diretiva, é nela que se percebe um lugar próprio lugar em que se recorta a maior parte dos códigos culturais em vigor: linguísticos, rituais, morais e políticos. O autor afirma que os textos da poesia de audição se reagrupam na consciência da comunidade, em seu imaginário, em sua palavra, em conjuntos discursivos às vezes muito extensos, e em que cada elemento semantiza — segundo a cronologia das performances (ZUMTHOR, 1993).

É possível verificar que essas narrativas reavidas na memória individual dos narradores comunitários, exercem um chamamento sensível em função do agrupamento de pessoas em ambientes de partilha; se apresentam como facilitadores para um despertar de senso de pertencimento identitário. Nesta reunião de diferentes atores sociais, sensibilizados para esse mergulho mnemônico, há a possibilidade de se reconhecerem e se enxergarem, na produção de bens autorias imateriais, evocados pelas sessões de contação de

histórias, contos, causos e lendas narradas pelos mestres(as) de tradição que, noutro momento, são transformados em bens culturais imateriais e materiais tais como: xilogravuras, desenhos, pinturas, roteiros de teatro, novelas, músicas, cordéis etc. Dão conta de suas origens e raízes ancestrais donde há um despertar da “criança adormecida” em que cada um se reencontra no outro; relembram hábitos de convivência e um jeito peculiar que estabelecem referenciais psicoafetivas e matrizes de identidade renovadas.

Para Moreno (1975), a matriz de identidade é a “placenta social da criança”, um *lócus* no qual ela mergulha em suas raízes em que faz a representação do seu grupo social e, ao mesmo tempo, configura-se enquanto um ambiente que a acolhe e satisfaz suas necessidades psicossociais e fisiológicas. É neste ambiente matricial que se cria, gera e que se dá origem a algo que possibilitará modelos de conduta que são transmitidos pela herança cultural do grupo: treinando-a para a adaptação societária (MORENO, 1975).

Integrativamente e inserido nas sessões e oitavas das narrativas poéticas orais no Assentamento do Rose, o elemento musical está presente e reconhecido no que eles chamam de “samba duro”, se traduzem como performances que se alinham com todo o conjunto contextual e, que, a partir de todo um processo de validação e reconhecimento das agências e órgãos de fomento sociocultural, possibilitaram que esses mestres e seus fazeres de tradição e comunidades-matriz ampliassem seus repertórios de currículos e afazeres, do refinamento, do leque de performances e efeitos difusos nos ouvintes que dão a escuta às vozes.

A expressão da palavra, da voz e do corpo estão abrigados e se intercomunicam nestes espaços comunitários rurais de representações simbólicas nos quais signos e significantes ritualísticos, étnicos, gestuais e territorialistas são evidenciados para expressão do “eu-tu-nós” singularizando, pessoas e povos. Como uma “colcha de retalhos”, as narrativas e performances difusas vão tecendo e ligando lembranças e testemunhos de vida; compondo sentimentos e afetos que simbolizam e permeiam as relações sociais destas pessoas consigo mesmas e com o mundo!

Memória e lembranças estruturam e abrigam constructos das conquistas sociocultural, política, histórica e identitária destas populações realocando de forma afirmativa o passado no presente, contrapondo-se a um pensamento de “menor valia” que por vezes tem rotulado as formas “não canônicas” de produzir Saber e Cultura destes povos e civilizações tradicionalistas. Neste sentido, essas tradições e vivências orais ainda persistem em (re)existir no Assentamento do Rose e em outros lugares pelo mundo, onde a cada dia é travada uma luta para preservar tradições ancestralizadas, diante e apesar de todo avanço, indução e sugestão de controle tecnológico existente na contemporaneidade.

As Vivências Orais e Encontros Afetivos: Um “Fazer-se Pessoa”

Reavivando memórias e (re)encontros, em Fevereiro de 2019, retornei ao Assentamento do Rose para rever àqueles afetos, mestras e mestres, que há mais de 5 anos não os via. No percurso da sede do município de Santa Luz até o Rose, conforme o carro “levanta poeira” na estrada cheia de ondulações, vou recobrando memórias passadas e revendo imagens, percepções e sentimentos internos que eram eclodidos a cada paisagem que passava diante dos meus olhos. Penso: como vou encontrar meus queridos amigos e como estará o “maior mentiroso do sertão”, Seu Zé de Souza??? Na parte final deste texto, farei uma narrativa breve do meu reencontro com Seu Zé...

Voltando para o caminho do Rose. Em poucos minutos passa um “filme de curtíssima metragem” que naquele exato momento, “naquele aqui-agora”, essas lembranças são reorganizadas em imagens; sensações e percepções de cheiros, temperatura, estado de humor e de sentimentos afetivos que foram gestados e produzidos na interatividade com aquela plateia. Há uma volta no tempo-espço o qual me revejo em uma das muitas sessões de “contação de causos” abrigadas na Escola Municipal 10 de Julho.

Envolto nesta e outras lembranças e sentimentos, recorro a outras memórias para produzir um texto que, de certa forma, dis-

corra e dialogue sobre aspectos e constructos narrativos que se aproxime da singeleza e riqueza estética literária que reconheço existir nas oitavas de tradição oral que tive o prazer de conviver e compartilhar. Essa preocupação específica em dar conta dos conteúdos da minha memória individual, formada com e neste coletivo de pessoas, não se contrapõe ao rigor técnico/científico que este trabalho exige. Muito pelo contrário! A intenção é aproximar e democratizar a compreensão textual para um universo grande de pessoas que, diante de muitos textos científicos “inteligíveis”, não conseguem compreender as nuances dialógicas e, com isso, contextualizá-las em um lugar de significação em sua memória individual.

As narrativas e vivências orais tem nestes mestres(as) de tradição, que se autointitularam e se reconheceram como “griôs sisaleiros⁷”, salvaguardares de memórias ancestralizadas de performances musicais (cantos de sambas, chulas, cirandas, reisados, repentes, aboios, etc.) que resistem ao tempo e ao avanço tecnológico que se impõe de forma avassaladora no meio urbano e rural. Configuram-se enquanto verdadeiros “arquivos vivos” de currículos e conteúdos socioculturais e histórico contidos nas narrativas literárias orais e escritas que registram aspectos autobiográficos e territoriais, descritivos da fundação da sua comunidade.

Facilmente, pode ser identificado e reconhecido todo um arcabouço de habilidades e competências nas narrativas estetizadas estruturas e performatizadas, que tecem numa linha de tempo-espaco as tradições coletivas oralizadas, repassadas de forma lúdica e inspiradora, de um “modus vivendi” peculiar que articula e mo-

⁷ A palavra *griot* é de origem francesa, significa mestre do saber oral, e passou a ser empregada na África para conceituar os *animadores públicos*, responsáveis pela transmissão de saberes para as novas gerações, através da história oral. No Brasil, a palavra foi adaptada para a nossa língua para Griô sem perder o seu significado. O termo *sisaleiro* é derivado da palavra *sisal*, planta nativa da caatinga do qual é extraída a fibra para confecção da corda de sisal e outros derivados. Os Griôs Sisaleiros formam um grupo cultural oriundo do Assentamento do Rose em Santa Luz - BA.

biliza pessoas ao encontro com a sua ancestralidade e exercício afetivo com o outro.

Neste âmbito da narrativa oral, a professora e pesquisadora Edil Costa diz que:

[...] narrar é um ato coletivo, precisa do estar com o outro, da presença e do contato, ainda que virtual e mediatizado pelo aparato tecnológico disponível. Assim como os seres humanos. O tempo de hoje é cada vez mais escasso, mas o estar com o outro é essencial e favorece a troca e o narrar, seja uma anedota ou um acontecimento corriqueiro do cotidiano. Essa necessidade de narrar e de estabelecer laços nos aproxima dos nossos ancestrais. As narrativas que proliferam a cada minuto ou segundo, nas redes sociais, indicam a tentativa de preenchimento, no espaço virtual, dos vazios do cotidiano, de uma solidão reinventada. Se, em uma comunidade narrativa nos moldes tradicionais, o contato humano se estabelece para uma escuta partilhada e segmentada, nas comunidades virtuais, as narrativas se constroem em múltiplas vozes e imagens, com descontinuidades e incessantemente (COSTA, 2014, p. 14).

Estes ambientes de encontros, de olhar para o outro e olhar no outro, possuem nestas narrativas intergeracionais um caráter gregário que mobiliza e sensibiliza vários atores comunitários em trocas humanas subjetivadas. Estabelecem nuances psicoafetivas que exercem o papel de grande valia para “validação do eu” que é constitutivo da psique humana. Segundo a abordagem junguiana, de Carl Jung, é o meio pelo qual o ser humano apreende, percebe e significa tudo com o qual ele tem contato; para ele a psique açabarca a vivência da experiência humana tendo como meta maior a busca de si mesmo.

As sessões orais no Rose indicam que, este buscar por si está subscrito, subjetivado, no inconsciente no qual estes participantes estão imersos e onde manifestam e evocam signos e significantes. Criam um contexto de acolhimento e de exercício validativo que têm nas variáveis narrativas uma das possibilidades da expressão

de um “eu imaginário”, autoprojetado, que busca no plano consciente reconhecimento e fomento da autoestima, amor próprio.

Voltando novamente ao conto do “Casamento de Dona Baratinha”, há aspectos que sugerem a existência de subjetividades, significantes internos, que indicam elementos externos e signos ameaçadores e desafiadores para um “eu destemido”, capaz de enfrentar os desafios da vida. Contudo, pode ter sua autopercepção fissurada a partir da intervenção deste elemento externo que se apresenta hostil.

A possibilidade de compartilhamento da experiência com o grupo, com o outro, amplia o leque de experiências e narrativas que favorecem à construção de um ambiente em que todos possam exercitar habilidades e competências que nem sempre estão evidentes mas, sim, latenzadas e que eclodem diante de uma demanda urgente que ameace a integridade individual e do coletivo. A formiguinha foi um elemento que se apresentou enquanto um sujeito com fragilidades que mudou a cena e a narrativa que até então estava sendo constituída.

Trazendo para o ambiente que esta história foi contada, identifiquei um encontro de gerações tendo como pano de fundo a tradição oral, que interfere na construção de subjetividades afetivas e que têm um significado social no qual a antropóloga Carmen Junqueira (2002), faz uma referência ilustrada na sociedade Kamayurá⁸, afirmando que ele se constitui como um elo e elemento de aproximação dos mais velhos com os jovens e também como é importante a qualidade da performance para atrair a atenção dos ouvintes (JUNQUEIRA, 2002).

Corroborar e é verossimilhante este nosso universo descritivo que apresenta senhoras e senhoras, intérpretes de tradição oral, que

⁸ Grupo indígena habitante do Mato Grosso vinculados por um sistema de trocas especializadas e rituais intergrupais, os quais recebem diferentes nomes no interior de cada etnia, mas que ficaram mais conhecidos (pelos de dentro e os de fora do universo xinguano) justamente pelos termos usados na língua Kamayurá, tais como o Kwarup e o Jawari.

mobilizam e agregam quase que diariamente crianças, jovens e outros adultos para desfrutar suas memórias ancestrais no mesmo momento-espço. Registram-se a presença de famílias e convidados de outras comunidades, de diferentes gerações, que se colocam diante de toda uma possibilidade de acesso ao brinquedo e ao brincar mediando, possibilidades difusas que inspiram para encantos, encantamentos e acarinhamentos.

Os encontros sugerem a existência de uma retroalimentação de processos de produção de memória que estão subscritos nos movimentos de busca (in)conscientemente de preservar e reforçar historicidade; de autoafirmação identitária e de sobrevivência histórico-cultural. Há uma evidente provocação do mais jovem para sensibilização e assunção de papel preservacionista e de difusão das matrizes identitárias e do arcabouço sociocultural e político destes coletivos comunitários.

Esse “face-a-face”, encontro entre homens e mulheres de diferentes tempos e épocas, é também o que Augusto Boal (2009) intitula de “estética gregária” onde se trata da reelaboração e ressignificação do imagético, da arte da palavra falada que encanta e evoca simbólico, dando significados empoderativos. Boal (2009) em seu livro “*Estética do Oprimido*”, o autor aponta que nenhuma estrutura de arte pode ser vazia e inocente pois, essas estruturas carregam uma visão de mundo de quem a produz e abriga sua ideologia; é um mecanismo que por vezes estabelece no qual todos podem se encontrar e buscar soluções individuais e coletivas; formas conscientes e inconscientes de opressão (BOAL, 2009).

Contextos de encontros de um “face-a-face” que possibilitou que os mestres do Assentamento do Rose despertassem também uma tomada de consciência política e, fundamentalmente, para um “ser político proativo” que estava latenizado, adormecido, e que despertou a partir deste protagonismo agenciado pelas oitivas de tradição oral. Mestres e mestras do Assentamento do Rose se mobilizaram e articularam no intuito de assumir um lugar de fala e de escuta ampliado, de contestação, diante das demandas recorrentes que esses senhores e senhoras enfrentavam no Assentamento e

fora dele. Segundo José Roque S. de Lima, “mestre aprendiz”, articulador cultural e uma das lideranças jovens do Rose, confirma:

[...] muitos griôs que se tornaram diretores da associação da comunidade, têm muitos griôs que numa reunião praticamente não falavam. Com essa oratória, com essa forma de contar as histórias, eh... eles passaram a ter voz ativa, eles tinham voz, mas não era aquela voz de chegar, de falar, de contestar, de perguntar, essas pessoas passaram a ser vista como, digamos assim, eles costumam falar assim, “como cidadãos” como pessoas respeitadas, que na maioria das vezes não eram... (LIMA, 2017).

Este olhar para si mesmo, para sua potência interna, é um aspecto processual que Carl Rogers (2009) em seu livro “*Torna-se pessoa*”, amplia para o entendimento de si e do outro, salientando que é muito e grandemente enriquecedor poder aceitar a outra pessoa e que, nesta relação integrativa, é quase sempre muito próprio do ser humano ter a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo como também, de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a eficácia necessária ao seu bem-estar (ROGERS, 2009).

Já com a premissa da tradição oral e seus encontros, Hampâté-Bá (1982) afirma que é nela que está “a grande escola da vida” que nela há a junção do material e do espiritual é onde há uma ruptura e desconcerta da mentalidade cartesiana habituada a categorizar e separar tudo de forma bem definida. A tradição oral pode ser ao mesmo tempo ciência, religião, iniciação à arte, história, entretenimento, recreação e fala ao homem de forma clara, entendível, ao seu alcance, de forma que esse entendimento se revela de acordo com suas aptidões e habilidades inatas.

Em outra vertente, das relações afetivas, há estímulos em que o acolhimento coletivo, a empatia de grupo, permite o exercício continuado da alteridade e da troca de “subjetividades latenizadas” (o não dito ou manifesto) que são expressados simbolicamente por esse encontro vivencial em que a tradição oral, com as suas possibilidades performáticas, traz significantes e (a)fazeres que,

certamente, apresentam-se como elos facilitadores da aproximação desde a criança ao idoso no mesmo momento-espço. Sugere uma forma de “liturgia festiva” provocadora de encantamentos e aglutino de emoções, sentimentos e de compreensão de si e do outro; as prosas e conversações coletivas expõem singularidades e idiosincrasias.

Segundo pesquisas de Martin Seligman (2009), a pessoa necessita entrar em contato com seus valores profundamente enraizados e viver com aquilo que é mais importante para si. São valores que darão a base de sustentação de todas as suas escolhas (SELIGMAN, 2009).

Este encontrar e compartilhar sentimentos e percepções entre e com pessoas, estabelece valores postos em um passado (re)memorizado quanto em uma contemporaneidade (tempo presente), no sentido de uma razão e significado humano comum: a busca da felicidade; para isso ele necessita ter prazer, ter engajamento e significado naquilo que faz vislumbrando escolhas que julga ser de extrema importância para alcançar a felicidade tão buscada.

Recantos de vivências e convivências afetivas coletivas é um lugar de efetivação de trocas validativas, de reconhecimento do “*eu em você, eu em tú*”, no qual Martin Buber (2001), em sua obra “*Eu-Tu*”, leva o leitor a refletir a respeito da relação dialógica imediata que pode se estabelecer entre iguais em que o ato do encontro com o outro, do qual afirma que é uma celebração essencial para a reciprocidade e para a troca de experiências e conhecimento; vital à ontologia humana e que tem no “face-a-face” a validação da existência e validação do ser, “do eu em você e você em mim”. Uma frase que talvez ilustre bem tudo isso é: “toda a verdadeira vida é encontro” (BUBER, 2001).

Retornando ao Rose: Lugar de Afetos de uma Narrativa Inacabada...

Tentando finalizar este artigo e alinhar o final desta construção textual, lembro-me de uma música composta por Dona Maria José Dantas das Mercês, Dona Baia como gosta de ser reconhecida, uma das mestras da oralidade do Assentamento do Rose. A composição alude um sentimento que descreve parte da luta pela conquista da terra: da posse e fixação deles no Rose. A parte inicial é o recorte que faço aqui, quando diz: *"Quando eu cheguei no Rose, cheguei de pé-no-chão..."* (IMAQ, 2017).

Retomando o caminho, a estrada para Rose, neste meu retorno, no Carnaval de 2019, penso que saí de lá há anos passados com a sensação de estar com os "pés mais fincados no chão". Sensação esta que impõe uma série de pensamentos, desejos e movimentos em função de dar continuidade a muito do que foi vivido junto a um coletivo de pessoas tão singulares e de rico saber. Penso em uma segurança, insegura, que resultou em responsabilidades e compromissos autoimpostos que permearam e construíram lembranças e memórias que me desafiavam a ser um ser humano melhor.

No caminho de volta para o Rose, agora "com os pés-fora-do-chão", sou tomado pela emoção do retorno e da expectativa de reencontrar afetos tão raros que despertam sentimentos passados e desejo de construção de novos. Relembro das dificuldades encontradas no início das nossas andanças em 2004, dos fracassos, teimosias, conquistas e reconhecimentos...

De volta ao caminho do Rose, a profusão de lembranças logo dão lugar a uma alegria imensa em reencontrar meus afetos tão caros e ser recepcionado pelas mulheres do Grupo Rosas Vivas⁹; mestras da cantoria popular e que são protagonistas da minha dis-

⁹ Grupo de cantoria composto por 10 mulheres do Assentamento do Rose, que foi originário das atividades do IMAQ na comunidade entre os anos de 2004/2012. Em Setembro de 2010, gravaram seu 1º CD com 15 músicas autorais pelo selo do IMAQ Cabeça-de-Frاده. Compõem músicas que fazem alusão ao cotidiano agrário, a feminismo e memórias tradicionalista ancestrilizadas.

sertação, que estavam à espera para esse encontro de articulação e mobilização de alguns afazeres do Grupo o qual colaborei na fundação e foco da minha pesquisa de mestrado.

Depois desta reunião muito proveitosa, busco por informações do meu amigo Zé de Souza que soube estar se recuperando de um AVC (acidente vascular cerebral) que havia comprometido muito sua saúde e interação com os Griôs Sisaleiros. Sou levado ao reencontro com Seu Zé de Souza que acontece em sua casa onde sou recebido com um sorriso largo e sincero, seguindo de um abraço longo e afetuoso que logo dá lugar ao reavivamento de memórias e lembranças passadas.

Seu Zé nos fala da sua doença, de seus impeditivos e planos interrompidos. Contudo, o “maior mentiroso da região” muda o rumo da nossa prosa com mais um dos seus causos e contos hilários que provoca gargalhadas nos presentes. Com muita satisfação e orgulho, conta de como sua netinha de 4 anos está “seguindo seus passos...” e se tornando uma eximia contadora de história! Sai da casa de Seu Zé de Souza tomado por uma emoção e sentimento de que o tempo construiu e reafirmou afetos em comum!

Nestes 5 últimos parágrafos, uma percepção memorialista eclode tendo como referencial a fábula de Seu Zé “O Casamento de Dona Barata”, as fábulas permeiam e trazem mensagens subliminares de superação e lição de vida, na qual faço uma conexão de como essa narrativa em especial ganhou novos lugares e atingiu vários outros ouvintes no Brasil. Em uma matéria longa exibida pelo Programa Globo Rural¹⁰, em Agosto de 2003, na qual destaca os “Griôs Sisaleiros” e a preservação da memória, que dá um destaque ao Seu Zé de Souza enquanto um personagem que aprece em sua performance narrativa do “Casamento de Dona Barata”, sequenciada pela dramatização da fábula feita pelas crianças do Assentamento e registro da reportagem do Globo Rural. A narrativa ganha

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/08/na-ba-grios-preservam-memoria-e-historia-oral-de-seus-povos.html>.

uma nova leitura, saindo da palavra falada para a dramaturgia audiovisual, possibilitando o reforço do registro mnemônico.

Esse evento em especial, lança um olhar diferenciado para um contexto historicamente destituído de garantias direitos básicos e fundamentais de cidadania plena e, que, neste momento em que um “outro institucional”, no caso a Rede Globo, lança uma luz para um fazer cultural popular tradicionalista, inspirando nestes atores uma potência individual e coletiva que transcende do seu lugar de fala e ganha outros espaços de visibilidade e reconhecimento ampliado.

O acesso a estes acervos socioculturais presentes nas comunidades rurais da região do sisal, em especial no Assentamento do Rose, seguramente estão despertando o interesse de pesquisadores na produção de documentos institucionais (relatórios, gravações, entrevistas, fotos, artigos, projetos de pesquisas, dissertações, etc.), abrigando registros técnicos/científicos de um “modus vivendi” de pessoas e grupos distintos que se dispuseram a celebrar a palavra a narrativa poética, ligando percepções, sentimentos, emoções e experiências vividas em comum. Notabiliza-se como um contexto provocador de reflexões difusas e abre caminhos para novas possibilidades de relações intra e interpessoal: entre o eu-tu, nós e o mundo.

É neste sentido também, que o arcabouço contextual ora ilustrados e descritos, suscita um olhar para estes personagens e entes comunitários que são compartilhantes de um espaço (lugar) e tempo de vivências das tradições orais; das narrativas poéticas; das performances individuais e coletivas em que, a palavra e a voz performatizadas, produzem memórias difusas e desenvolvem fatores intervenientes; nossos processos desenvolvimento de habilidades sociais (empatia, respeito, cooperação, solidariedade, alteridade, etc.), fundamentais para construção de marcos civilizatórios sociais tão fundamentais às relações humanas.

Referências

- BÂ, Hampaté A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. *História Geral da África*. I; metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO, 1982, p. 181-218.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- BOAL, Augusto. *A Estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- COSTA, E. S. Narrativas Oraís na Contemporaneidade: Conexões e Fissuras. Artigo publicado no livro *Modos de ler: oralidades, escritas e mídias*, organizado por Verbena Maria Rocha Cordeiro e Elizabeth Gonzaga Lima. Curitiba: Arte & Letra, 2014.
- GODOY, R. Memória. In VALLE L. E. L.R. *Temas Neuropsicologia e Aprendizagem*. 3. ed. Ribeirão Preto: Novo Conceito. 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. SP: Edições Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Expressões Sertanejas*. Feira de Santana-Ba., IMAQ, 2005.
- IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Griôs Sisaleiros*. Feira de Santana-BA: IMAQ, 2007.
- IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Recriando e Criando Lendas e Mitos*. Feira de Santana-BA: IMAQ, 2007.
- IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Acervo e Memorial Iconográfico Grupo Rosas Vivas (fotos, vídeos, entrevistas e transcrições de contos, fabulas e histórias)-Cantoria Popular de Mulheres da Comunidade do Rose – Feira de Santana-BA: Selo Cultural Cabeça-de-frade /IMAQ, 2017.*
- MORENO. J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- JUNG. Carl G. *A Natureza da Psique*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LIMA. José Roque Saturnino de. Colono assentado poeta, cordelista e contador de causos. Griô aprendiz, pelo Projeto Griôs Sisaleiros, coordenador de oficinas de ludo-culturais diversas inseridas no acervo cultural no Assentamento do Rose. Entrevista concedida a Edisvânio do Nascimento Pereira. Acervo e Memorial Iconográfico do IMAQ- Instituto Maria: Feira de Santana-Ba, 2017.

REILY, Suzan. Música e a prática da Memória. Em Revista Música e Cultura no. 9. 2014.

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SELIGMAN, M.E.P. Felicidade Autêntica: Usando a Psicologia Positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: a "literatura" medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

[Recebido: 22 jun. 2019 — Aceito: 10 ago. 2019]